

Barriga Verde

Informativo Epidemiológico

Janeiro 2024

www.dive.sc.gov.br

HANSENÍASE

Gerência de IST, HIV/AIDS e Doenças
Infecciosas Crônicas (GEDIC)



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DA SAÚDE

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Hanseníase no Brasil.....	5
Hanseníase em Santa Catarina.....	6
Considerações Finais.....	11
Referências Bibliográficas.....	12

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Número de casos novos de hanseníase, segundo sexo e faixa etária. Santa Catarina, 2013 a 2022.	8
---	---

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por 100 mil habitantes segundo Unidade da Federação. Brasil, 2022.	5
FIGURA 2. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase na população geral e nos menores de 15 anos. Santa Catarina, 2013 a 2022.	6
FIGURA 3. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por 100 mil habitantes segundo 17 Regiões de Saúde. Santa Catarina, 2022.	7
FIGURA 4. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase na população geral por município de residência. Santa Catarina, 2022.	7
FIGURA 5. Proporção de casos novos de hanseníase segundo a classificação operacional. Santa Catarina, 2013 a 2022.	8
FIGURA 6. Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física e GIF 2 no diagnóstico. Santa Catarina, 2013 a 2022.	9
FIGURA 7. Proporção de cura dos casos novos de hanseníase dos anos das coortes. Santa Catarina, 2013 a 2022.	10
FIGURA 8. Proporção de contatos de casos novos de hanseníase examinados nos anos das coortes. Santa Catarina, 2013 a 2022.	10

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica, transmissível, que ainda persiste como problema de saúde pública no Brasil, que ocupa o segundo lugar entre os países com maior número de casos no mundo, atrás apenas da Índia. É um agravo que faz parte da Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública (Portaria de Consolidação MS/GM nº 4, de 28 de setembro de 2017), e portanto, é obrigatório que os profissionais de saúde reportem os casos no Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação).

Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2022 o Brasil registrou um total de 19.635 casos novos de hanseníase na população geral e a taxa de detecção de 9,67 casos por 100 mil habitantes alcançou o parâmetro de média endemidade. Do total dos casos novos, 836 foram diagnosticados em crianças, a taxa de detecção foi de 1,90, parâmetro de média endemidade para essa faixa etária (0,50 a 2,49/100.000 hab.).

No mesmo ano, em relação ao grau de incapacidade física que a doença pode promover, 1.917 casos novos (11,5%) foram diagnosticados com grau 2 de incapacidade (GIF2), parâmetro alto para esse indicador (>10%), evidenciando diagnóstico tardio dos casos no país.

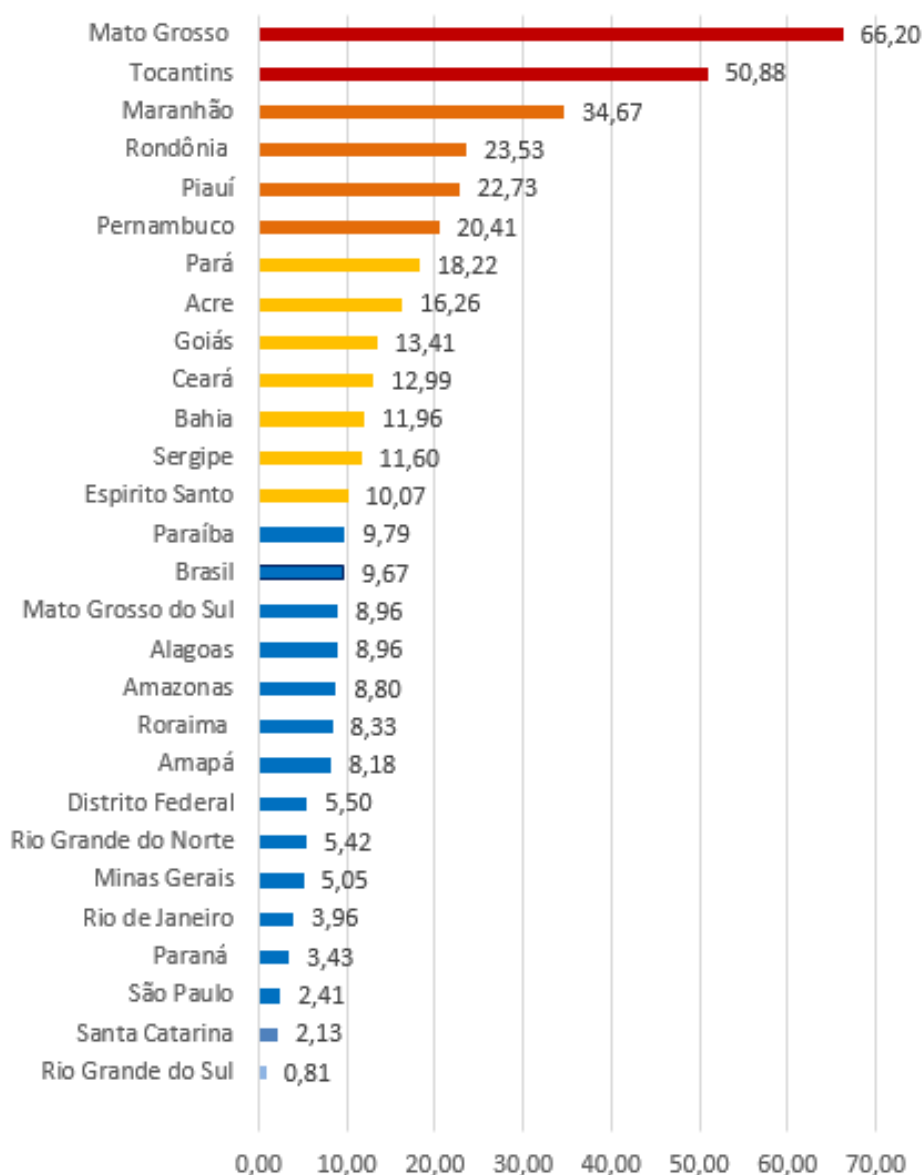
A análise dos dados epidemiológicos é fundamental para identificar diferentes padrões de ocorrência da doença, as áreas de maior vulnerabilidade e as fragilidades na vigilância da hanseníase. O Boletim Epidemiológico de Hanseníase, da Gerência de IST/AIDS e Doenças Infecciosas Crônicas da Diretoria de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Estado da Saúde, apresenta informações acerca dos casos de hanseníase no Brasil, no Estado de Santa Catarina e nas suas 17 Regiões de Saúde, para ampla divulgação e para subsidiar a tomada de decisão e programação das ações em saúde pública.

O fechamento da base de dados, para cálculo dos indicadores estaduais da hanseníase, ocorre no dia 31 de março do ano posterior ao da avaliação. Este documento utilizou dados do Sinan no período de 2013 a 2022. Os resultados dos indicadores apresentados, são fortemente influenciados pela atualização do sistema de informação (Sinan), que deve ser permanente, desde o nível municipal até a esfera federal.

HANSENÍASE NO BRASIL

Os estados com as maiores taxas de detecção do país situam-se nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, sendo o Mato Grosso o estado com maior taxa de detecção (66,20 casos por 100 mil habitantes) com parâmetro considerado hiperendêmico. Já os estados das Regiões Sul e Sudeste, apresentaram as menores taxas de detecção no ano de 2022, sendo que Santa Catarina, desponta dentre os estados da federação, com as menores taxas de detecção de hanseníase (2,13 casos por 100.000 hab.) ocupando a penúltima posição, ficando à frente apenas do Rio Grande do Sul (Figura 1).

FIGURA 1: Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por 100 mil habitantes segundo Unidade da Federação. Brasil, 2022.

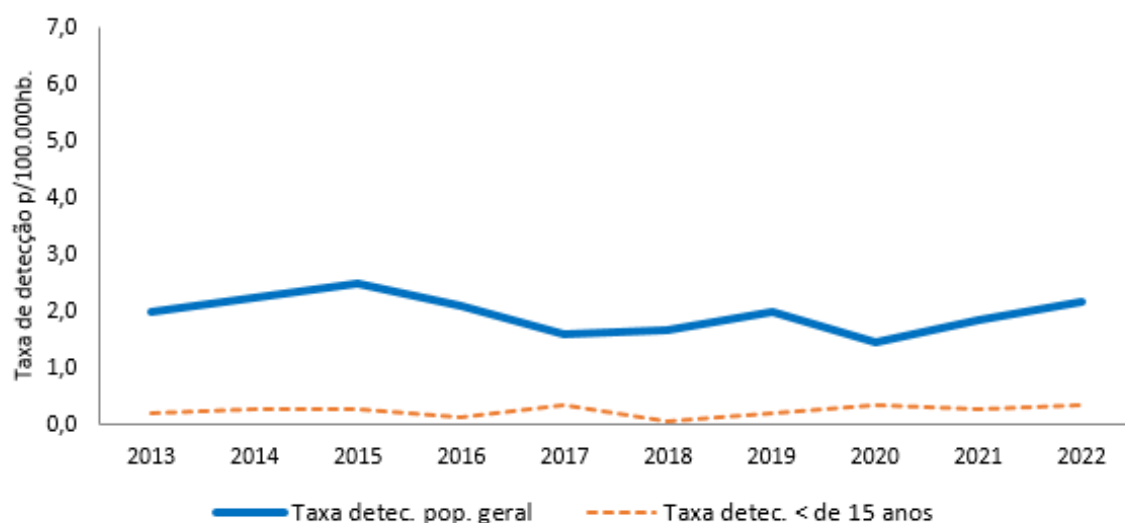


Fonte: SINAN/SVS – MS – 27/06/2023.

HANSENÍASE EM SANTA CATARINA

Nos últimos 10 anos (2013 a 2022) foram diagnosticados em Santa Catarina, um total de 1.407 casos novos da doença, com a taxa de detecção nesse período oscilando nos parâmetros de média e baixa endemicidade. No ano de 2022, com o diagnóstico de 159 casos novos, o estado apresentou parâmetro de média endemicidade (2,13 para cada 100 mil hab.), com 05 casos diagnosticados em menores de 15 anos, com a taxa de detecção de 0,36 para cada 100 mil hab., mantendo o parâmetro de baixa endemicidade para essa faixa etária, como em todo o período analisado (**Figura 2**).

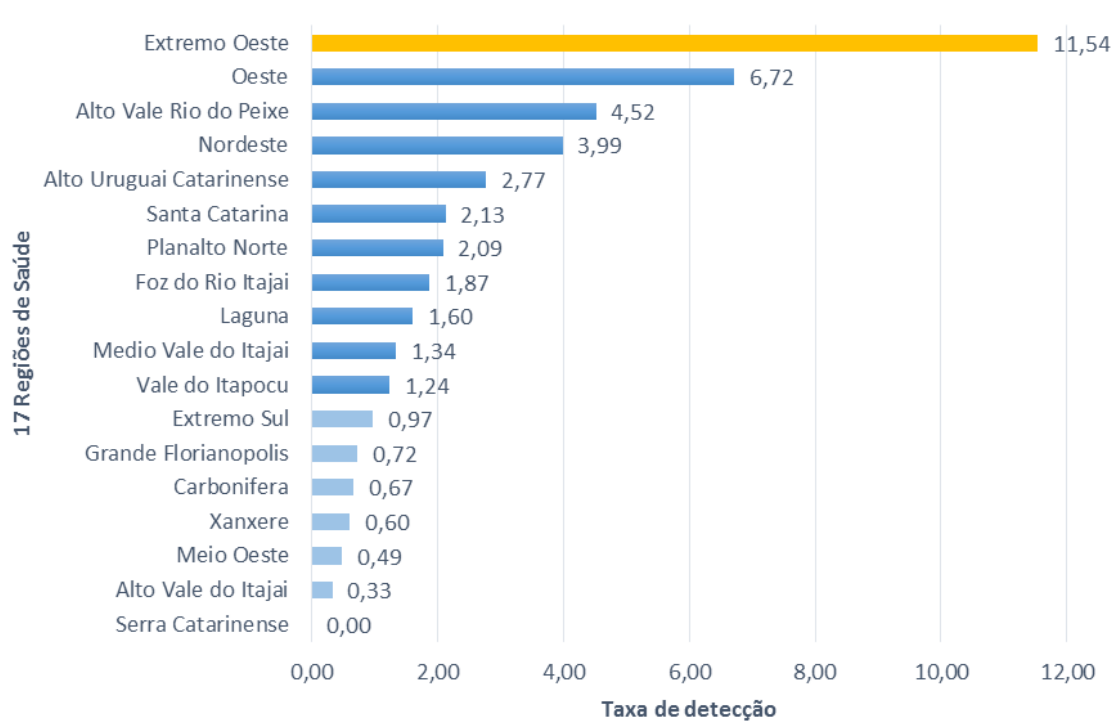
FIGURA 2: Taxa de detecção de casos novos de hanseníase na população geral e nos menores de 15 anos. Santa Catarina, 2013 a 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

Refletindo o indicador do estado no ano de 2022, observa-se a predominância de indicadores de baixa e média endemicidade na maioria das Regiões de Saúde, exceto a Região do Extremo Oeste com resultado no parâmetro de alta endemicidade, 11,54 casos por 100.000 habitantes e a Região da Serra Catarinense que não apresentou casos no ano (**figura 3**).

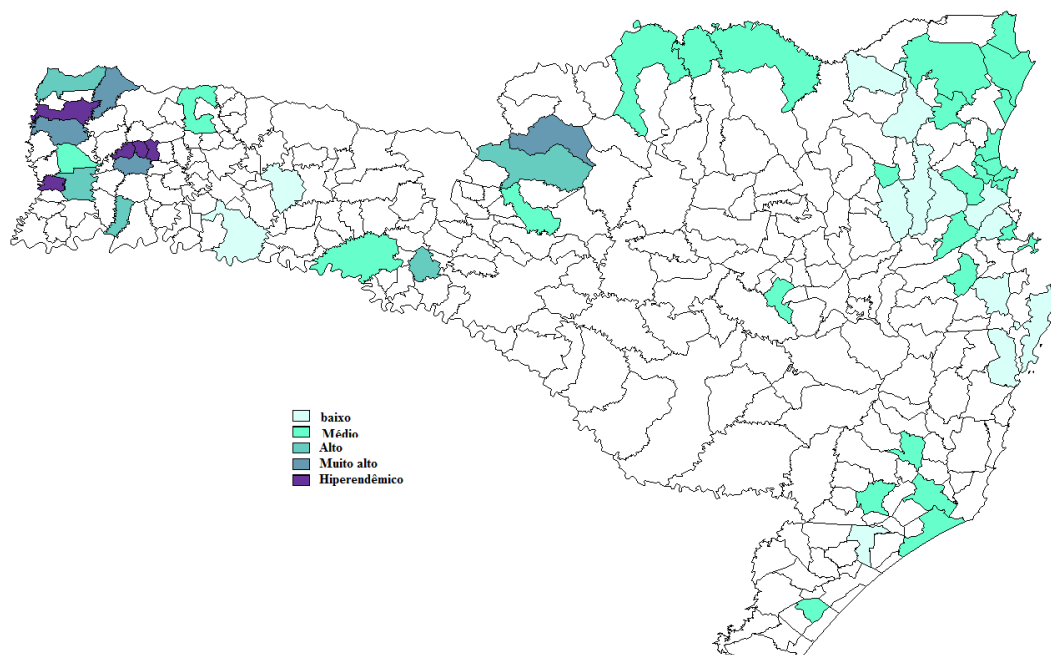
FIGURA 3: Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por 10.000 habitantes, segundo 17 Regiões de saúde. Santa Catarina, 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

Embora os resultados de média e baixa endemicidade sugiram situação de controle da doença, observa-se diferentes cenários epidemiológicos na análise por municípios. No ano de 2022, 81% dos municípios não registraram casos novos. No entanto, os municípios notificantes apresentaram diferentes perfis epidemiológicos, com baixa, média, alta e muito alta endemicidade, destacando-se alguns municípios hiperendêmicos na Região do Extremo Oeste (**Figura 4**).

FIGURA 4: Taxa de detecção de casos novos de hanseníase na população geral por município de residência. Santa Catarina, 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

A **tabela 1** apresenta a proporção de casos novos de hanseníase diagnosticados nos últimos 10 anos (2013 a 2022), segundo sexo e faixa etária. No acumulado desse período, 59% dos casos novos diagnosticados são do sexo masculino. Ocorreu predomínio de casos em homens na maioria das faixas etárias, exceto entre 0 e 4 anos de idade, em que a proporção é maior no sexo feminino (66,7%) e 5 a 9 anos de idade, onde a proporção foi igual (50%). A maior frequência de indivíduos afetados pela doença no período, apresentou idade entre 35 e 64 anos, totalizando 849 casos novos.

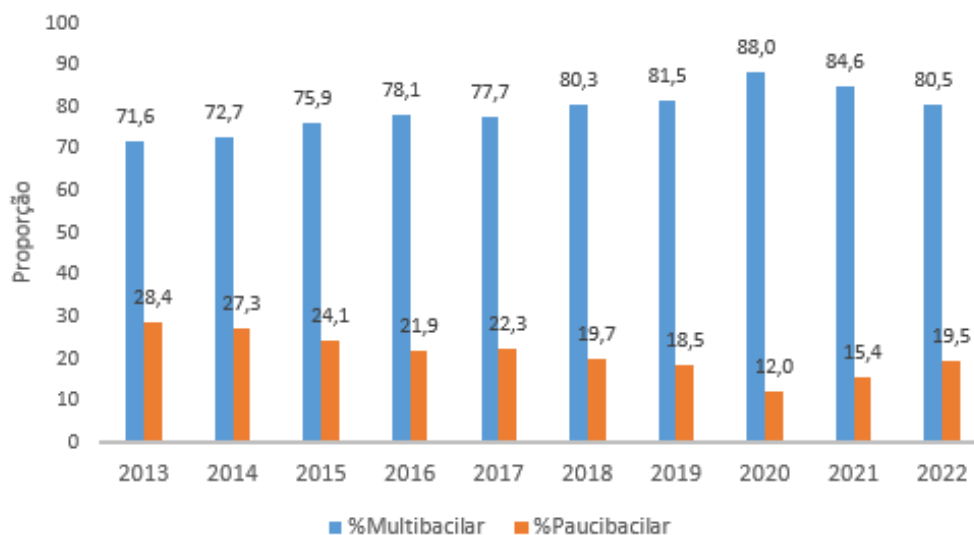
TABELA 1 – Número de casos novos de hanseníase, segundo sexo e faixa etária. Santa Catarina, 2013 a 2022.

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO		FEMININO		TOTAL
	nº	%	nº	%	nº
0-4	1	33,3	2	66,7	3
5-9	3	50,0	3	50,0	6
10-14	13	52,0	12	48,0	25
15-19	27	64,3	15	35,7	42
20-34	159	63,1	93	36,9	252
35-49	230	59,3	158	40,7	388
50-64	268	58,1	193	41,9	461
65-79	115	56,9	87	43,1	202
80 e+	15	53,6	13	46,4	28
TOTAL	831	59,1	576	40,9	1.407

Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 04/12/2023.

Na **figura 5**, observa-se um aumento na proporção de casos novos diagnosticados com a forma multibacilar, passando de 71,6% em 2013 para 80,5% em 2022, embora essa proporção tenha apresentado redução em relação ao ano de 2020 (88,0%). Durante todo o período analisado a forma mais avançada da doença e mais transmissível, multibacilar, prevaleceu sobre a forma paucibacilar.

FIGURA 5: Proporção de casos novos de hanseníase segundo a classificação operacional. Santa Catarina, 2013 a 2022.

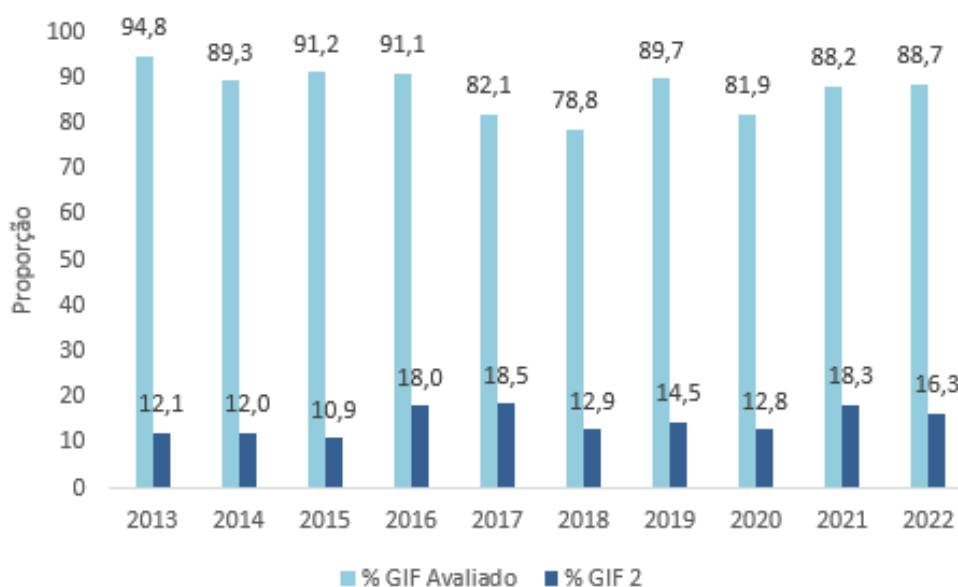


Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

A avaliação e prevenção de incapacidades físicas nos pacientes com hanseníase contribui para evitar complicações e sequelas e deve ser realizada nos serviços de saúde no momento do diagnóstico, nas intercorrências por reações e na alta do paciente. Casos novos notificados com Grau 2 de Incapacidade Física (GIF-2) evidenciam diagnóstico tardio, devido ao maior grau de comprometimento físico ocasionado pela hanseníase.

No ano de 2022, dos casos novos avaliados quanto ao grau de incapacidade física em Santa Catarina, 16,3% apresentaram grau 2 no momento do diagnóstico o que caracteriza uma fragilidade em relação ao diagnóstico precoce, pois é alta a proporção de casos descobertos com sequelas decorrentes da doença. A proporção acima de 10% é considerada alta para o indicador do GIF 2, segundo os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Saúde (**Figura 6**).

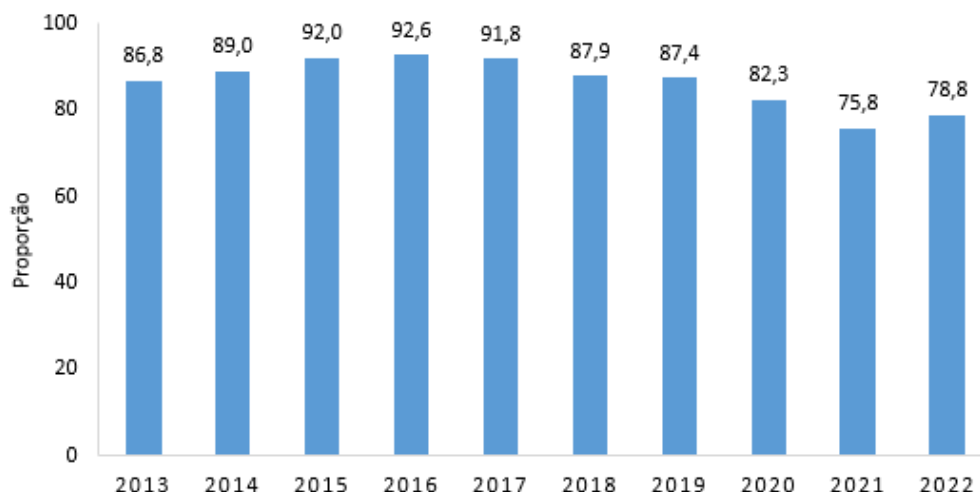
FIGURA 6: Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física e GIF 2 no diagnóstico. Santa Catarina, 2013 a 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

A proporção de cura nos anos das coortes é um indicador que mede o resultado das atividades de captação de casos e a efetividade dos serviços em assegurar a adesão ao tratamento até a alta do paciente. No decorrer do período o estado apresentou queda no resultado do indicador, passando de 86,8 em 2013 para 78,8% em 2022, com variação entre os parâmetros bom ($\geq 90\%$) e regular (75 a 89,9%).

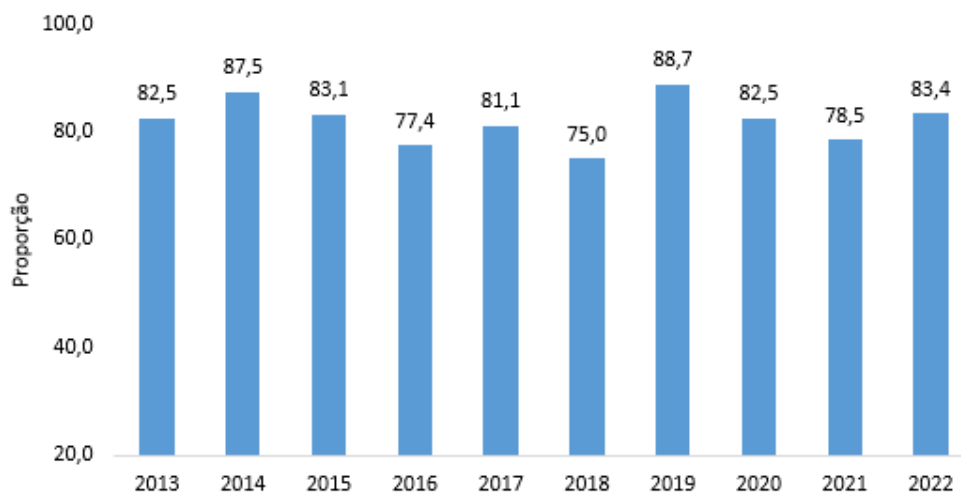
FIGURA 7: Proporção de cura dos casos novos de hanseníase dos anos das coortes. Santa Catarina, 2013 a 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

A capacidade dos serviços em realizar a vigilância de contatos de casos novos de hanseníase é fundamental para aumentar a detecção oportuna, na fase inicial da doença. O indicador da proporção de contatos examinados nos anos das coortes, apresentou resultados no parâmetro de regular (75 a 89,9%) em todo o período analisado. Em 2022, 83,4% dos contatos foram examinados no estado, acréscimo de 6,2% em relação ao ano anterior (**Figura 8**).

FIGURA 8: Proporção de contatos de casos novos de hanseníase examinados nos anos das coortes. Santa Catarina, 2013 a 2022.



Fonte: SINAN/DIVE/SUV/SES/SC. 08/04/2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que os indicadores apresentados no período analisado são fortemente influenciados por fatores operacionais tais como: o diagnóstico precoce, a realização da busca ativa, o exame dos contatos, as realidades locais e as condições de trabalho. O estado é considerado de média endemicidade para doença e apresenta diagnóstico tardio, com elevado percentual de GIF 2 no diagnóstico ($\geq 10\%$) e predomínio da forma multibacilar. Além disso, na análise da proporção de cura dos casos novos houve um declínio nesta proporção, que passou de boa para regular. Para o indicador de exame de contatos o estado está classificado como regular.

Medidas para a melhoria dos indicadores devem ser tomadas a fim de se alcançar os resultados preconizados pelo Ministério da Saúde. Disseminar a informação sobre a hanseníase é essencial, bem como mobilizar os profissionais de saúde e gestores municipais para implementar políticas públicas e ações estratégicas que possam dar sustentabilidade ao controle da doença.

O Programa Estadual de Controle da Hanseníase tem promovido, com o auxílio da equipe do Ministério da Saúde, capacitações que visam qualificar a rede de atenção à hanseníase em todos os níveis de complexidade, e especialmente sensibilizar e fortalecer a Atenção Primária à Saúde para aumentar a detecção precoce e garantir aos pacientes assistência integral e qualificada, alertando para a importância da adesão ao tratamento até a alta e interromper a cadeia de transmissão através do exame dos contatos. Também é importante reforçar as informações sobre a doença para acabar com o preconceito.

Além disso, as situações de suporte para o diagnóstico e as intercorrências da doença, devem ser encaminhadas para os serviços de referência estadual, sendo que o estado também disponibiliza para os profissionais da saúde o serviço de Teleconsultoria clínica em hanseníase via telessaúde, para esclarecer dúvidas sobre a doença.

É sempre importante lembrar que o tratamento para as duas formas clínicas Paucibacilar e Multibacilar, é denominada Poliquimioterapia Única (PQT-U) e envolve a associação de três medicamentos. O tempo de tratamento difere para as duas formas, o paucibacilar deve completar o tratamento de seis cartelas da PQT-U em até 9 meses e o multibacilar 12 cartelas em até 18 meses. O tratamento é oferecido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nas Unidades Básicas de Saúde.

Com objetivo de subsidiar os municípios na elaboração de ações específicas para as diferentes realidades, o Programa Estadual da Hanseníase elaborou o Plano Estadual de Ações Estratégicas de Vigilância, Controle e Prevenção da Hanseníase no Estado de Santa Catarina 2021/2029, como objetivo principal reduzir a carga da doença no estado.

É necessário envidar esforços para o diagnóstico oportuno, o tratamento adequado, a reabilitação das incapacidades e a luta contra o estigma e discriminação da pessoa acometida pela doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, 2023 – **Boletim epidemiológico: Hanseníase – 2022**. Ministério da Saúde. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-hanseniase-_-25-01-2022.pdf

BRASIL, 2018 – **Roteiro para uso do Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan NET para hanseníase Manual para tabulação dos indicadores de hanseníase**; Disponível em: http://portalsinan.saude.gov.br/images/documentos/Agravos/Hanseníase/Manual Tabulacao Dos_ indicadores de hanseniase.pdf

SANTA CATARINA. 2022 – **Informativo Epidemiológico Barriga Verde**. Hanseníase: Desafiando o Estigma e a Discriminação. Dive/SC. Disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/index.php/boletim-barriga-verde>

BRASIL. 2016 – **Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública**. Ministério da Saúde.

SANTA CATARINA. 2020 – **Plano Estadual de Ações Estratégicas, de Vigilância, Controle e Prevenção de Hanseníase no Estado de Santa Catarina – 2021/2029**. Dive/SC.

EXPEDIENTE

O informativo Epidemiológico Barriga Verde uma publicação técnica da Diretoria de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina. Rua Esteves Júnior, 390 – Anexo I – 1º andar – Centro – Florianópolis – CEP: 88010-002 – Fone: (48) 3664-7400. www.dive.sc.gov.br

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Governo do Estado: Jorginho dos Santos Mello | **Secretária de Estado da Saúde:** Carmen Emília Bonfá Zanotto | **Superintendente de Vigilância em Saúde:** Fábio Gaudenzi | **Diretor de Vigilância Epidemiológica:** João Augusto B. Fuck | **Gerente de IST, HIV/AIDS e Doenças Infecciosas Crônicas:** Regina Célia Santos Valim | **Organização e Elaboração:** Teide Pierri Nahas, Lígia Castellon Figueiredo Gryninger, Luís Henrique da Cunha, Regina Célia Santos Valim, Aline Vitali Grando, Flávia Moreira Soares, Eduardo Campos de Oliveira. | **Revisão Técnica:** Aline Piacessi Arceno e João Augusto Brancher Fuck | **Produção:** Núcleo de Comunicação DIVE/SC | **Supervisão:** Patrícia Pozzo | **Revisão:** Bruna Matos | **Diagramação:** Alex Martins.

FICHA CATALOGRÁFICA

Secretaria de Estado da Saúde. Superintendência de Vigilância em Saúde. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. Gerência Gerente de IST, HIV/AIDS e Doenças Infecciosas Crônicas. Hanseníase. Boletim Barriga Verde. Informativo Epidemiológico. Santa Catarina: Secretaria de Estado da Saúde, 2024.

GOVERNO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Saúde
Sistema Único de Saúde
Superintendência de Vigilância em Saúde
Diretoria de Vigilância Epidemiológica
Gerência de IST, HIV/AIDS e Doenças Infecciosas Crônicas



GOVERNO DE
SANTA CATARINA
SECRETARIA DA SAÚDE